

O oculto e o inculto na poesia de Fernando Pessoa

Anaxsuell Fernando da Silva (UNICAMP)

A leitura de Fernando Pessoa, poeta português do início do século XX, evidencia um dos aspectos mais importantes da obra de arte: sua natureza plurívoca. Esse aspecto associado a abrangência universal da sua obra e a uma dose de imprudência interpretativa podem trazer resultados malévolos, mutilantes e redutores.

André Mesquita é advogado, dramaturgo e estudioso do ocultismo. Além deste livro, *Fernando Pessoa: o Ocultismo na ótica poética*, publicado em 1996 pela Editora Uapê; divulgou alguns poemas no *Jornal Poesia Viva* e na antologia *Quem são os poetas da barra?* (1993), todos pela supra-mencionada editora. No primeiro, objeto de reflexão desta resenha, o autor propõe interpretar o inquietante poeta português pela abordagem do Ocultismo e, a partir desta, efetuar uma ponte entre as questões que assolaram o homem do início do século e a crise contemporâneas de paradigmas. Em sua análise, um aspecto liga os heterônimos pessoanos entre si: o paganismo.

Na introdução o autor, na tentativa de isentar-se de possíveis críticas, anuncia: “O objetivo dessa obra não é produzir um estudo crítico-literário de sua poesia”. Talvez esta seja a razão da falta de rigor com as devidas referências. Muitos poemas de Fernando Pessoa são transcritos, sem o cuidado de mencionar em que livro se encontra ou a que heterônimo pertence. Em se tratando da vasta produção de Pessoa e do uso impróprio que muitos têm feito dela, tal comportamento é preocupante.

O livro, de 140 páginas, divide-se em 6 capítulos além da introdução. Esses podem ser classificados, como sugere o autor, em dois momentos: no primeiro André Mesquita busca contextualizar o Ocultismo e apresentar o encontro de Fernando Pessoa com o trabalho de Helena Blavatsky e Aleister Crowley, dois dos principais ícones do movimento ocultista da nossa época, bem como os principais temas e símbolos presentes na obra do poeta. Já no segundo momento, empreende-se uma análise de “Chuva Oblíqua” trilhando o caminho alquímico, que segundo o autor carioca fora deixado por Fernando Pessoa.

O primeiro capítulo, *O Ocultismo no século XX*, serve de subsídio à leitura do livro em sua totalidade, na medida em que o autor “ilumina” a idéia de Oculto e Ocultismo. Trabalho árduo tendo em vista

as diversas definições existentes, e dada a impossibilidade de “determinar a mais certa” (p. 17) já que trata-se de matéria

“constantemente em movimento”. Entretanto, a definição que André Mesquita declara assentir é que Ocultismo é o “estudo pelo qual o homem através dos tempos, busca vasculhar os labirintos mais sombrios de sua mente visando, fundamentalmente, o auto-conhecimento, o controle do universo que o cerca e a sua própria iluminação.” (p. 17).

Vale lembrar que essa idéia de iluminação, objetivo central do Ocultismo no início do século e que se sustentou como verdade absoluta, hoje é muito controversa e costuma ser negada por correntes mais modernas. Um dos aspectos mais relevantes trazidos à tona neste capítulo é a distinção feita entre ocultismo e religião. Para Mesquita, a diferença fundamental está no fato de que “as religiões têm estruturas dogmáticas rígidas, presas a alguma ideologia que as embasam, com explicações alegóricas sobre o universo, enquanto que o ocultismo busca a verdade individual para o homem, desvincilhada de dogma ou mitologia específica.” (p. 19). Esse esforço inicial de apresentar ocultismo, definindo-o, diferenciando-o, quando articulado à leitura que André Mesquita faz dos poemas de Fernando Pessoa será violento. Ainda neste capítulo, no qual se inicia tal tentativa de articulação, o advogado carioca cita uma conhecida carta do poeta português ao seu amigo Adolfo Casais Monteiro datada de 14/01/1935, em que ele demonstra grande conhecimento de temáticas ocultistas, e, em seguida nega ter pertencido a alguma ordem, ao final da mesma pede que ela não seja publicada. Assim, sem argumentos Mesquita afirma: “é possível depreender que ele (Fernando Pessoa) pertencia ou havia pertencido a alguma ordem ocultista e estava mantendo seu voto de silêncio como é de praxe nessas ordens.” (p. 21).

No segundo capítulo, *Fernando Pessoa e a Teosofia*, o autor, após apresentar a fundadora da sociedade teosófica Helena Petrovna Blavatsky (1831), parte da cronologia da vida e obra de Fernando Pessoa feita por João Gaspar Simões. Em 1915, o poeta português traduziu o livro *Vozes do silêncio*, bem como o *Compêndio de Teosofia* e vários outros volumes da coleção intitulada *Coleção Teosófica e esotérica* escrita por C. W. Leadbeater. Aqui novamente um salto quântico. De conhecedor da temática em questão e tradutor de tais obras Fernando Pessoa é considerado um adepto militante do rosacruzismo.

O Paganismo, corrente muito forte dentro do ocultismo moderno, é o título do terceiro capítulo. Fernando Pessoa, em suas múltiplas faces, é fortemente influenciado por essas idéias. O paganismo adota a concepção panteísta do universo. Isto é, a crença que todo o universo é Deus e Deus é todo o universo. Entretanto, André Mesquita cai no erro dos apressados leitores, a redução. Considerar toda obra

poética de Fernando Pessoa, todos os seus heterônimos (que são personagens com certo grau de autonomia) pagãos é desprezar as peculiaridades, os detalhes e mesmo afirmações expressas do poeta. Essa análise talvez seja mutiladora da engenhosa produção pessoana.

No quarto capítulo, *Fernando Pessoa e Aleister Crowley*, André Mesquita estabelece uma relação entre o poeta português e o polêmico ocultista britânico. Para o autor do livro aqui discutido, o fenômeno heteronímico seria o uso de um recurso, denominado “nomes mágicos” (p. 50) já utilizado pelo ocultista que ficou conhecido pelas suas controvertidas posições. Mesquita faz afirmações e não argumenta em benefício desses seus posicionamentos. Noutro momento diz expressamente o que até então ficara obtuso. Cito-o:

“Pode-se afirmar que uma das melhores maneiras de se compreender o pensamento de Crowley, muitas vezes obscurecido por suas extravagâncias, é através da leitura de Fernando Pessoa. Sua obra guarda os principais conceitos do Ocultismo da nossa época e é leitura fundamental para quem se interessa pelo assunto.” (p. 55).

A magestosa produção de Fernando Pessoa é reduzido a comentário elucidativo da produção do místico britânico.

Sucede a este capítulo um outro, intitulado *A cosmovisão de Fernando Pessoa*, nele é demonstrado que as temáticas exploradas por Pessoa ao longo da sua produção bibliográfica, tais como: a visão de Deus, a evolução do universo e a concepção do mundo, são temas das correntes modernas de ocultismo. E aí, numa interpretação na maioria das vezes forçosa remete a temática de determinados poemas às concepções ocultistas, deixando de perceber os *nuances* e as outras possibilidades da poesia do poeta português. Em determinado instante o autor vê claramente “a posição de Fernando Pessoa quanto à impossibilidade humana do contato direto com Deus.” (p. 65). Ora, somente uma leitura não cultivada (daí o nome inculta), não cuidadosa da obra pessoana pra restringir sua poesia a uma única concepção de Deus. Por exemplo, no VIII poema do Guardador de Rebanhos, Pessoa (ou melhor, o mestre Caeiro) coloca-se como uma criança que brinca com o menino-Deus e sai a fazer travessuras e demonstra grande intimidade. Noutro momento Mesquita afirma “Fernando Pessoa não crê em um messias, seja ele um deus ou salvador da pátria.” E o que seria todo o livro Mensagem? e, D. Sebastião?

No sexto e último capítulo *A alquimia*, o autor a partir da interpretação do poema Chuva Oblíqua afirma que “Fernando Pessoa desvenda, de modo mágico, o significado de cada fase, fazendo o leitor participar do processo alquímico” (p. 92). Neste momento o livro ganha fôlego, especialmente pelo

conhecimento de Mesquita dos símbolos e das concepções ocultistas, ainda que persista aproximações forçadas em alguns momentos.

Debruçar-se sobre a poética de Fernando Pessoa é um desafio. Entretanto, o autor não vai à luta compreensiva da poética pessoana, confina-se dentro de seu universo simbólico como único elemento interpretativo e tenta condicionar a leitura daqueles que desejam compreender Pessoa. Assim, sua infelicidade se dá na medida em que reduz toda produção do poeta português a uma única expressão religiosa, desconsiderando as facetas, os nuances e o “fingimento” do poeta. A esfera mental pessoana é sempre um território em crise. Convivem, dialogicamente, regras e desregramentos. A incerteza e a dúvida são residentes no pensar e sentir de Fernando Pessoa. Portanto, considerar a totalidade da sua obra *Ocultista* e por conseguinte, inferir isto à sua vida é fruto de uma leitura não atenta de sua poesia. Uma leitura inculta, isto é, sem cultivo. Talvez apressada.

Um todo organizado produz qualidades e propriedades que não existem nas partes tomadas isoladamente. Portanto, é necessário ter um pensamento que possa conceber o todo e as partes simultaneamente, o sistema e a organização, pois tudo que conhecemos é constituído da organização de elementos diferentes. O poeta Fernando Pessoa não se fecha ao restrito território dos símbolos, pertencentes a qualquer dimensão religiosa. De fato, enxergamos uma preocupação com concepções e/ou pensamentos religiosos ao longo de toda a sua obra, poética ou em prosa, mas esta não se restringe a determinada concepção. Esta temática não deve ser tratada de maneira monolítica, estanque. Deve levar em consideração a pluralidade que é o próprio Pessoa. E, o seu próprio conselho aos seus estudiosos em carta a João Gaspar Simões: “O estudo ao meu respeito, que peca só por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir.” Carta de 28 de julho de 1932).